

Para uma abordagem do conceito de língua em António das Neves Pereira¹

FERNANDA MIRANDA MENÉNDEZ
(Universidade Nova de Lisboa)

Nascido no Porto em meados do século XVIII, António das Neves Pereira ensinou, já depois de ser ordenado padre, Retórica e Poética em Penafiel. Terá sido nessa altura que conheceu um importante elemento da elite intelectual do Oratório, o P. Teodoro de Almeida, que aí pelo Norte do país cumpria exílio da Corte. Consta que foi ele que trouxe Neves Pereira para Lisboa e que o introduziu nos círculos da Academia Real de Ciências de Lisboa. Terá sido também essa amizade a responsável pela entrada de Neves Pereira na Congregação do Oratório em 1793, curiosamente no ano seguinte a ver uma das «Memórias» que apresentou à Academia de Ciências ser premiada por esta instituição.

A obra conhecida de António das Neves Pereira consta, além de dois textos panegíricos de análise de poemas de Teodoro de Almeida (os quais, segundo referência do *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, além de serem criticados pelos seus confrades, desmereciam das suas capacidades intelectuais), de três ensaios de crescente importância:

1. *Mechanica das palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto na prosa como no verso*, Lisboa, na Regia Officina Typográfica, 1787

2. "Exame critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servem os nossos bons escriptores dos séculos XV e XVI e deixaram esquecer os que se seguiram até ao presente", *Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real de Ciências*, tomo IV, pp. 339-446 e tomo V, pp. 152 - 252, 1792

3. "Ensaio sobre a Philologia Portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estylo dos nossos mais insignes poetas que floreceram no sec. XVI", *Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real de Ciências de Lisboa*, tomo V, pp. 1 - 151, o qual foi premiado pela Academia na sessão pública de 12 de Maio de 1792, e publicado no ano seguinte.

Considero estes três textos de crescente importância porque, com eles, se assiste à progressiva autonomização da reflexão linguística de Neves Pereira

face aos cânones da época em Portugal. De facto, se no primeiro trabalho ele se encontra ainda vinculado à temática da Eloquência (tão querida aos nossos filólogos setecentistas), e à terminologia que na época era usual (nomeadamente através da adopção para o título do próprio termo «Mechanica»), no segundo, já tece críticas sobre o «uso» das palavras, mesmo indo contra critérios normativos estabelecidos por uma longa tradição de reflexão sobre a prática da língua. Mas é no terceiro que o pensamento de Neves Pereira se autonomiza, aproveitando em pleno as leituras de obras estrangeiras que a sua condição de oratoriano lhe permitia². Todo o texto reflecte a mudança da reflexão linguística do Autor, mostrando a evolução da sua construção discursiva face às que anteriormente realizou.

E se a obra que se conhece testemunha o pensamento do Autor, mostra-o, ao mesmo tempo, inserido numa elite intelectual e num momento privilegiado da história da linguística portuguesa — o virar do século XVIII para o século XIX, época de grande incremento da reflexão sobre a língua, influenciada por todo o movimento filosófico e linguístico europeu. Ao pertencer à Congregação do Oratório e à Academia das Sciencias, Neves Pereira beneficiou do acesso a obras estrangeiras permitidas só a «pessoas autorizadas»³. Obtido deste modo, o conhecimento das correntes filosóficas europeias (obviamente filtrado pela sua própria maneira de escrever, e pelos conhecimentos do que o rodeava), observa-se nos textos que chegaram até nós. Verifica-se também um amor pela língua portuguesa, que António das Neves Pereira pretende «pura» na senda dos seus antecessores setecentistas, porém não isolada de duas realidades para ele indissociáveis — o uso e a sua evolução. Ou seja, em termos actuais, as suas «Memórias» tentam conciliar as dimensões sincrónica e diacrónica da língua. Será mesmo a reflexão sobre os vários problemas ligados ao conceito de língua que constitui o seu principal objectivo, condicionando as suas escolhas linguístico-discursivas, nomeadamente a dos processos discursivos que ilustram o movimento argumentativo que desenvolve ao longo dos seus textos, e que, pelo menos no *Ensaio sobre a Filologia Portuguesa*, tem como resultado aparente a adesão às suas teorias, como se pode concluir pela obtenção de um prémio na sessão pública de 12 de Maio de 1792.

Propus-me analisar excertos da primeira parte das duas «Memórias» que António das Neves Pereira apresentou à Academia das Ciências, segundo testemunham as colecções de impressos sob o título *Memórias da Literatura Portuguesa da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. As «Memórias» são textos escritos para serem lidos, e que neste caso, mercê da sua qualidade, foram editados, o que não acontecia com a maioria⁴. É esta dicotomia escrita / leitura que explica a própria dinâmica da produção discursiva, nomeadamente a inclusão, ou não inclusão, dos nomes dos autores citados numa e noutra versão, geralmente em nota de rodapé. Pode-se colocar a questão sobre se havia, ou não, leitura pública dos nomes desses autores citados em pé de página. Pessoalmente, penso que essa menção era apenas reservada para a versão impressa, correspondendo tal hábito a uma manobra de defesa da pessoa do autor face aos seus pares da Academia, e a eventuais convidados (atente-se no facto de o prémio ter sido dado em

«sessão pública») a quem a referência de, por exemplo, «modernos» Filósofos e Enciclopedistas franceses chocaria (cf. infra).

O «Ensaio critico sobre qual seria o uso prudente das palavras de que se servem os nossos bons escritores dos séculos XV e XVI ...» reflecte sobre as «Causas da Decadencia da Lingoa Portugusa», defendendo uma solução de compromisso entre o respeito pela **analogia** e pelo **uso** no estabelecimento de uma referência normativa para uma língua. Parece-me que o programa de António das Neves Pereira fica demonstrado no seguinte parágrafo:

Posto que as vozes, com que exprimimos as idéas, e sentimentos do nosso animo, são arbitrarías, e dependentes da instituição dos homens, estão com tudo sujeitas a certas leis derivadas de huns principios geraes, que são outros tantos fundamentos no systema das linguas: de fórma que segundo a boa, ou má applicação dos taes principios haverá na Lingoa huma alteração, que a conduz á sua perfeição, ou decadencia.

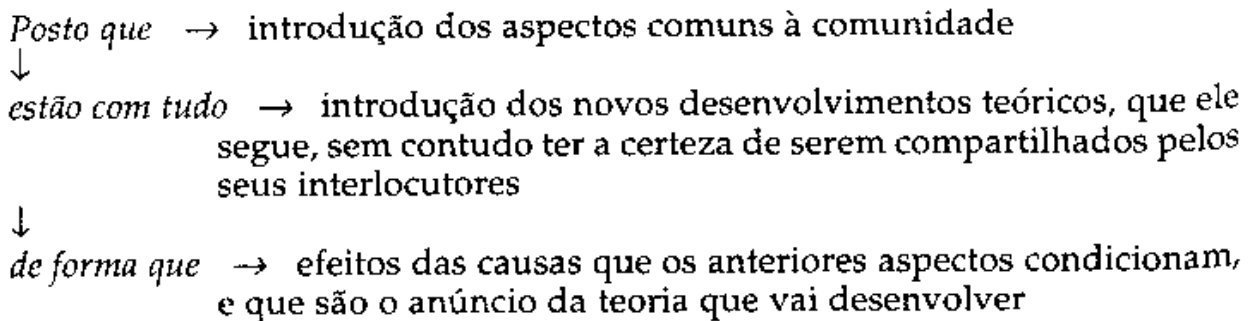
Ensaio Critico, *Memorias*, Tomo IV, p. 332

No «pôr em comum» das suas ideias, Neves Pereira vai tentar fazer com que os seus interlocutores compartilhem de uma interferência de várias teorias filosófico-linguísticas.

Neste primeiro parágrafo, se a expressão «Posto que as vozes com que exprimimos as idéas» introduz a teoria de tradição de Port-Royal, encontramos os seus ecos nas teorias de Condillac (que aliás cita várias vezes mais à frente) em expressões como «as vozes são arbitrárias e dependentes da instituição dos homens». Aflora assim o problema da origem das línguas e o da sua convencionalidade, para além de postular a existência de princípios gerais. Na expressão «haverá na Lingoa huma alteração, que a conduz á sua perfeição ou decadencia» refere-se claramente ao problema da mudança linguística. Somos, assim, confrontados com uma representação de interdiscurso entendido numa dupla dimensão — a do conjunto das obras dominadas pela comunidade culta em que o Autor se insere; a do conjunto das obras que apenas o Autor (e poucos eruditos mais), conhece e sabe utilizar (cf. o que supra foi referido sobre a sua inserção socio-cultural, e sobretudo institucional). Neste caso, o interdiscurso intervem sem que seja nomeado, ou citado em nota, um só dos autores por ele responsáveis. O que aliás não vai ser o hábito de Neves Pereira ao longo do «Ensaio», pelo que se conclui que tem aqui algum intuito preciso: o de não confrontar, logo de início, as suas opiniões com as dos seus destinatários.

Retomando a organização deste primeiro parágrafo, verifica-se que ele se desenrola de forma tripartida, a qual mostra o movimento discursivo com o qual Neves Pereira pretende proceder à explicação da sua teoria, de uma forma aparentemente objectiva. Essa «objectividade», despida não só da utilização da primeira pessoa como de opiniões declaradas, constitui uma estratégia para adesão às suas ideias pela comunidade interdiscursiva. Neves Pereira transforma esta «objectividade» numa eventual «inter-subjectividade», a qual, a verificar-se, lhe vai possibilitar conduzir o discurso de modo a conseguir o acordo dos seus receptores imediatos. Assim, Neves Pereira mostra-se pertencente a uma comunidade discursiva restrita — a constituída pelos seus ouvintes —, ao

tornar evidente que nela se insere e que a ela se dirige. Este movimento tripartido pode ser ilustrado com o esquema que se segue:



Fica pois colocado, logo de início, todo um esquema programático para o desenvolvimento do tema que o título desta «Primeira Parte» — «Causas da decadência da Língua Portuguesa» —, deixa adivinhar. Ao longo do texto, Neves Pereira começa, a pouco e pouco, a expôr as suas razões, tornando a progressão discursiva leve e atraente pela diversidade de estratégias que a compõem, uma vez que oscila entre a já referida “objectividade” e um registo próximo da “zombaria”.

Veja-se, a título de exemplo, a estratégia que aparece no parágrafo que imediatamente se segue ao anterior :

Cinco são os principios geraes, e communs a todas as Lingoas, que Quintiliano distingue: *Analogia*, ou *Razão*, *Etymologia*, *Antiguidade*, *Authoridade*, e *Uso*. Nós porém só temos por essenciaes a *Analogia*, a *Etymologia*, e o *Uso*, ao qual se refere a *Antiguidade*, e *Authoridade*: porque que outra cousa entendemos por *Antiguidade*, senão o *Uso* antigo? E que vem a ser *Authoridade*, senão o uso dos authores, ou o uso autorizado?
 Ensaio Critico, *Memorias*, tomo IV, p. 332

A citação de Quintiliano tem aqui uma dupla finalidade — se por um lado se insere num dos processos de legitimação do seu «Ensaio», uma vez que é assim evocado um dos gramáticos mais consensualmente reconhecidos pelos Setecentistas, por outro vai servir de alvo para o contra-argumento da teoria citada, em proveito da argumentação que Neves Pereira vai realizar nos parágrafos seguintes sobre a relatividade da importância do Uso e da Analogia na mudança linguística.

Com o nós, Neves Pereira convoca a comunidade discursiva a que se dirige, tornando-a cúmplice da sua opção pelos três «princípios» escolhidos. Uma vez estes enunciados, o Autor passa a analisar cada um individualmente. Destas explicações, abordarei somente a que corresponde à estratégia mais agressiva utilizada por Neves Pereira, a que supra referi como registo de “zombaria”, e que surge quando ele trata da “Analogia”.

Depois de definir que «a Palavra Analogia quer dizer, *semelhança*, *proporção*, *comparação*» (p. 340), o Autor desenvolve a “visão moderna” da «ideia da Analogia», dizendo que há «*hum*a Analogia *geral*, que he a conformidade dos usos de todas as Lingoas, e correspondencia dos elementos da proposição» (ibi-

dem), bem como «huma Analogia *particular* que distingue e caracteriza particularmente cada idioma» (ibidem) :

Porque muitas vezes as idéas, que se exprimem n'uma lingoa por huma certa fórma de sinaes, noutra lingoa se exprimem por sinaes de mui diferente caracter.
Ensaio Critico, *Memorias*, tomo IV, p. 332

É justifica esta afirmação através da comparação entre exemplos do Latim e do Português. É na sequência deste raciocínio que sai do esquema argumentativo anterior, abandonando a «objectividade» que procurou usar até esse momento, deixando por momentos a serenidade com que emitiu ideias sem que estas estivessem ligadas a um enunciador, nem mesmo a ele próprio, para de repente ter uma passagem discursiva surpreendente, pela mudança nítida de registo, em que introduz, citando, alegadas opiniões produzidas pelo «vão escrupulo dos Presumidos Puristas»:

Que modo de fallar he (dizem) *hemos* por *havemos*, *heis* por *haveis*, *his* por *ides*, *hivos* por *hideos*: *estê*, *estês*, &c. por *esteja*, *estejas*? Espantão-se sem razão, pois que reprovão aqui o que n'outras expressões bem ordinárias a prática approva, e n'algumas, sobre impraticavel, até seria absurda a correcção, como nos verbos *Dizer*, *Fazer*; *Trazer*: Porque em *Dir-me-has*, *far-me-has*, *Trar-me-has*, quem emendará *Dizer-me-has*, *Fazer-me-has*, *Trazer-me-has* (...). Pois que? *Tir-te*, *Guar-te* são por ventura palavras fanadas nos dialogos vivos, e energicos, que escrevêrão os nossos Authores? *Tira-te*, e *Guarda-te* emendão os sabichões da nossa era, como se a Lingoa Latina fosse lerda quando se dizia: *nosse* por *novisse*; *judicasse* por *judicavisse*, *nequire* por *non quire*; *malle* por *magis velle*, *sodes* por *si audes*, e outras fórmas semelhantes. Olhem para isto os que ineptamente zelam as semelhanças da Lingoa Portugueza com a Latina. Do que se deve concluir, que muitas palavras, que inteiras são irregulares, não provão que as suas abreviaturas sejam barbarismos disformes, quando o uso os admite, e ainda muitas abreviaturas, que o uso exclue, o gosto do ouvido as approva nos discursos extraordinarios.
idem, p. 341-342

O autor prossegue assim o seu argumento, de um modo nitidamente mais agressivo, em que atira, para a sombra de uma zona culturalmente criticável, aqueles a quem ironicamente chama «os sabichões» (para logo os declarar implicitamente «ineptos»), ao mesmo tempo que alerta os seus receptores para aqueles mesmos erros.

Não se pense, no entanto, que só no reviver do passado linguístico vê Neves Pereira engrandecimento para a língua portuguesa. É o primeiro a insistir na necessidade da evolução:

Serve finalmente a Analogia para formar regularmente alguns vocabulos annovados. Por exemplo observando a fórma dos substantivos derivados dos adjectivos terminados em *al*, como *Formalidade* de *formal*, *Brutalidade* de *Brutal*, &c. podiamos supprir a *Geral*, *Geralidade* em lugar do alatinado *Generalidade*. E tendo *crueldade* de *cruel*, porque não aventurariamos por analogia *fielidade* de *fiel*, em lugar de *fidelidade* tomado do Latim? Porque se assentarmos, que nada se ha de mudar do uso corrente, nem he licito dizer senão o que outros tem dito, ou escrito antes de nós; seremos sempre pobres com os nossos mesmos thesouros. A derivação analogica, por extraordinario, que pareça o termo, facilitaria tanto mais seguramente a sua acceitação, se consultassemos o ouvido no jogo dos sons, e articulações, como fizerão os latinos, que comparando, e

examinando *facilitas, diffacilitas, difficilitas, e difficultas* aprovárão este, e renunciárão aos outros. (...) *idem*, p.344

Mas as suas opiniões têm por base uma solução de compromisso entre a «Analogia» e o «Uso», solução essa que retira das ideias filosóficas estrangeiras que conhece, e que tenta transmitir de forma incisiva, reduzindo a «pura pedanteria» discussões sobre a maior importância de um ou de outro desses «Princípios» :

Porque tanto a Analogia como o uso nas Lingoas caminão ao mesmo fim, e ambos seguem regularmente a *Metafysica* das Lingoas accomodando varias fórmas de palavras á analyse das idéas, e ás suas diferentes modificações. Do que se póde inferir, que em muitos casos são pura pedanteria as guerras, que armão os Filologos entre si, huns defendendo a Analogia contra o Uso, outros o Uso contra a Analogia, como Varrão observou entre os Latinos, e depois d'elle Quintiliano. *idem*, p. 345.

Neste excerto, Neves Pereira evoca, por um lado, a comunidade interdiscursiva alargada (constituída por todas as pessoas que na sua época se dedicavam à tarefa da escrita e da reflexão sobre a língua) de uma maneira pouco simpática, uma vez que implicitamente chama «pedantes» aos Filólogos (sem especificar quais, o que permite uma generalização) ocupados com questões que ele demonstra serem inúteis, pelo facto do equilíbrio entre «Analogia» e «Uso» depender apenas da «*Metafysica* das Lingoas»; por outro, através da representação do interdiscurso (novamente encarado quer como conjunto de obras do conhecimento de todos os eruditos de então, quer como o conjunto das obras que ele próprio conhecia e lhe serviam de fontes), explicitamente evocando Varrão e Quintiliano (quando os responsáveis das teorias citadas no início do parágrafo são propositadamente não referidos), convoca a comunidade interdiscursiva restrita (a dos seus receptores imediatos) para o já conhecido, ao mesmo tempo que apela a que ela siga o seu raciocínio, para assim poder aderir às suas opiniões. Afinal, ele próprio domina os mesmos autores clássicos que os seus ouvintes (e leitores próximos) e, ao demonstrar-lhes isso, pretende, de algum modo, conseguir a sua confiança.

O argumento a favor da solução de compromisso que é a conformidade entre «Analogia» e «Uso» é reforçada por um “aliás” como operador de reformulação e consolidação argumentativa:

Aliás se não houvesse tanta conformidade entre a Analogia, e Uso, n'humã mesma Lingoa, teriamos duas diversas lingoas, humã dos Grammaticos, outra da nação em commum; humã segundo a Analogia, outra segundo o costume; o que seria absurdo. *idem*, p. 345

E ao longo da «Memoria», Neves Pereira vai demonstrando como a «Analogia» errada, o mau «Uso» e o “pedantismo etimológico” estão entre as causas da decadência da Língua Portuguesa.

Uma solução para esta evolução negativa pode ser encontrada na outra «Memoria» realizada pelo Autor, na qual ele defende a Poesia como factor de evolução e aperfeiçoamento das línguas. No "Artículo I" da «Primeira Parte» do «Ensaio sobre a Filologia Portuguesa por meio do Exame e Comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes Poetas...», Neves Pereira vai demonstrar «Como as línguas se augmentão e se aperfeiçoão por meio da Poesia» (*Memorias de Literatura*, Tomo V, p. 1). Logo no primeiro parágrafo, e evocando o exemplo da Grécia, advoga a primazia da Poesia face a outros géneros de utilização da língua, terminando com a afirmação de que os Gregos

(...) capazes de instruir o povo, e de lhes fazer respeitar as verdades sólidas, para este fim se servião da Poesia: de fóma que verdadeiramente não havia mais que huma só Arte, huma só Sciencia, e hum só genero de Escriutores.
(*ibidem*, p.2)

É interessante verificar novamente, logo aqui no início do «Ensaio», o modo como se encarrega de passar as teorias contemporâneas, mercê da evocação de mais tradicionais elementos de certificação normativa. Para quem o lê, Neves Pereira, em nota de rodapé a este parágrafo, cita Deslandes e Condillac, para além de uma *Hist[oire] Ancien[ne]*. Mas na elocução do discurso propriamente dito, pelo menos aquele que suponho tenha sido o lido na sessão pública, quem ele vai explicitamente citar ao serviço da sua progressão argumentativa é Quintiliano, parafraseando uma passagem (como nos informa em pé de página) do cap. 4 do livro 9 do *Instituti Orationi*:

Verdade he, que em quanto a linguagem dos povos era rude e grosseira, tambem a Poesia devia de ser informe: por quanto, como observa Quintiliano os versos nascerão dos homens, antes que estes fizesses suas observações sobre os versos. O ouvido por seu proprio instincto, e sem outra regra he o que dirigia a economia da frase contentando-se com a fortuita repetição das mesmas cadencias dispostas em igualdade de espaço em espaço.
Assim foi entre nós a Poesia Portugueza nos seus principios. A invenção gothica das Rimas era quasi o unico caracter, que a distinguia da Prosa ordinaria.
(*ibidem*)

A verificação de carácter genérico, presente como um argumento forte no início do segundo parágrafo com «verdade he», instaura-se como pretexto para a passagem ao exemplo concreto no parágrafo seguinte com a expressão «assim foi». E para melhor demonstrar a sua teoria de que a Língua e a Poesia evoluem ao mesmo tempo, acomodando-se esta ao ouvido (e portanto ao gosto, à moda) dos seus falantes, Neves Pereira põe em discurso o que mais tocava a toda a comunidade discursiva (a alargada e a restrita) em que estava inserido – a história, sucinta embora, da evolução da Língua e da Poesia portuguesas.

Ao «embrião de poesia» presente nas nossas primeiras «Trovas», que segundo ele ou «recendia ainda ora á galantaria mourisca, ora á grosseria gothica, que foi o seu primeiro berço» (cf. *Memorias de Literatura*, Tomo V, p. 3), sucede uma evolução «como por degrãos, da barbaridade» (*idem*, p.2). Mas o que neste passo é importante, é a forma como ele justifica a «barbaridade» da nossa poe-

sia, parafraseando um argumento alheio, marcando bem que não é ele o responsável pela sua enunciação, mas sem ter a coragem de citar o nome do autor, antes referindo-se-lhe como «hum discreto Filosofo»:

E não he preciso retroceder aos seculos anteriores, nem esquadriñar os seus monumentos para fundarmos este juizo; porque como adverte hum discreto Filosofo, para sabermos a historia dos seculos barbaros não he pouco, saber que forão barbaros.
idem, p.3

Só na versão escrita, a que hoje se tem acesso, se fica a saber, em nota, que se trata de Condillac num dos seus trabalhos, o *Cours d'Études pour l'instruction du Prince de Parme* (1775). Conclui-se, também, desta citação, que a admiração pelo «discreto Filosofo» era tão grande, que não o deixava ter, por vezes, o distanciamento necessário para se dar conta da pobreza do seu argumento, por Neves Pereira aqui utilizado⁵.

Nos parágrafos seguintes, a progressão discursiva insiste na ligação da evolução simultânea da Língua e da Poesia, tornando-se claramente eco de teorias filosóficas europeias.

Temos, em primeiro lugar, a explicação de dois conceitos – o da «evolução da língua» e o do «génio da língua»:

O que póde parecer mais admirável he, que quanto esse pequeno esforço dos Poetas, e as suas rudes producções promovião insensivelmente o progresso das linguas, tanto á proporção as memas linguas, deixando pouco a pouco a sua primitiva rudeza, e grosseria, hião contribuindo á perfeição da Poesia; de sorte que a lingua e a Poesia mutuamente se davão a mão. Mas isto não será mui difficil de comprehender, se considerarmos, que he natural a cada nação combinar as suas idéas de huma maneira, que lhe he propria, isto he, segundo o seu genio; e de ajuntar a huma certa quantidade de idéas principaes, que lhe são familiares, varias outras mais ou menos, conforme a copia de noções, que adquirem, e variedade de impressões, que experimentão. Estas combinações authorisadas por hum longo uso são as que propriamente constituem o genio de huma lingua(...)
idem, p.3

Note-se como, na mudança de parágrafo, Neves Pereira introduz, no meio de um registo impessoal, a primeira pessoa plural «considerarmos», para convidar o seu auditório a acompanhar, e a concordar, com a teoria que estava a ser enunciada.

No prosseguimento desta, o Autor vai novamente defender a relação entre a Analogia e o Uso para o «aumento da língua», fazendo ao mesmo tempo um apelo à capacidade criadora dos escritores nacionais, demonstrando que nesse seu papel de «inventar» novas frases onde as usuais não são suficientes (estou a parafrasear as suas palavras), o escritor encontra na Poesia um campo excepcional:

...se supposermos huma nação, que não fizesse outro uso dos sinaes, senão o de analysar as suas idéas, esta linguagem Filosofica pararia dentro de hum pequeno circulo, e não poderia ter progressos mui consideráveis. Mais algum tanto se extenderia, passando da Filosofia aos exercicios da Eloquencia, mas ainda seria em certo modo unisona. A Poesia só he a que fórça a tomar varios tons, e para me servir da semelhança do Orador Romano, a lingua he nas mãos do Poeta como cera branda, pronta a receber quaesquer figuras, que elle lhe queira dar. Assim não he de

admirar, que em todo o tempo tudo o que a Eloquencia teve de melhor, e mais admiravel lhes viesse da Poesia.

idem, p.4

É natural que Neves Pereira evoque o «Orador Romano» como figura de Autoridade numa época em que a Eloquência é citada como a forma mais próxima da realização pura da língua (nomeadamente por muitos dos seus consócios da Academia de Sciencias). Talvez fosse fácil aceitar a subordinação da Filosofia à Eloquência, mas era sem dúvida mais difícil demonstrar que ambas eram subsidiárias da Poesia.

É um verdadeiro programa linguístico o que Neves Pereira propõe, colocando sempre a Poesia como pretexto para a exposição das suas teorias, das quais facilmente se destacam:

1. Ecos do sensualismo de Locke

«Acrescentemos que a Poesia he huma pintura que fala» (...) «Para este effeito pois necessita a Poesia de instituir huma lingua ao mesmo tempo harmoniosa e imitativa, quero dizer, lingua (...) que não só mova o animo com a expressão dos sentimentos, e com o colorido das imagens; mas tambem encante o ouvido com a beleza Fysica dos sons.»

(idem, pp.4-5)

2. A noção da origem das «línguas modernas», sempre insistindo no papel da Poesia como factor de evolução

[Quando as línguas modernas] fôraõ instituidas, não consultarão os homens a natureza para a pintarem, nem formarão vocabulos, que representassem os caracteres das cousas denominadas; (...) Estas linguas fôrão formadas das reliquias de outras varias linguas, e por isso adoptando alguma cousa de cada huma, pela mistura de vocabulos, e frases, que não forão feitas humas para as outras, não podem deixar de formar hum grande obstaculo á harmonia do discurso. Nos poetas mais, que em nenhum outro genero de Escriptores, está o trabalharem para vencer este obstaculo, e por este meio he que cada lingua vem a ter sua harmonia caracteristica, e seu estylo, ou cada vez se vai aproximando a elle mais e mais.»

(idem, p. 6)

3. A expressão assumida da sua opinião, a propósito dos hábitos de escrita eclesiástica, concluindo que, quer a Poesia, quer a Língua portuguesas, passaram por um período de obscurantismo dada a correcção com que os frades escreviam em latim, sem o conseguirem fazer em português :

«A meu ver, nada ha que nos possa dar mais justa idéa tanto da nossa lingua, como da Poesia do tempo antigo, como he o lembrarmos, do que a cada passo acontecia, que alguns Ecclesiaticos, que estudavão mais algum latim para uso da Igreja, escrevião assás expeditamente os seus pensamentos n'um periodo latino, quando em Portuguez os não podiam ligar senão miseravelmente.»

(idem, p. 7).

4. A noção da evolução das línguas ligada à evolução do pensamento e, consequentemente, dos «sinaes» que as representam:

«Assim como as nossas idéas se multiplicão á proporção, que se augmentão os nossos conhecimentos; da mesma sorte conforme o auge destes e daquellas, assim se multiplicão os sinaes e se augmentão as linguas»
(idem, p. 8)

5. A noção da prioridade absoluta da Natureza face a todos os actos humanos:

«A ficção he a fonte da Poesia, mas a ficção não he outra cousa mais que hum resultado desta idéa universal da Natureza, he huma combinação de differentes modêllos particulares.» (...) Não ha differença entre o Filosofo e o Poeta, senão que aquelle contempla a Natureza para a conhecer, este para a imitar; hum a pertende explicar, outro pintar.»
(idem, p.10)

Em jeito de conclusão...

A obra de António das Neves Pereira, embora não muito extensa, permanece pouco explorada. Alguns dos temas que trata revelam-se do maior interesse para a história da língua portuguesa e do pensamento linguístico e filológico setecentista. Aquilo que escreveu, e a forma como escreveu, apresentam-se como o resultado de uma lenta evolução dos hábitos discursivos ao longo da segunda metade do século XVIII, em que o português enfrentou tensões de vária ordem, nomeadamente debatendo-se entre a permanência de hábitos «barroquistas» e uma série de tendências inovadoras que contra eles se levantou (cf. MONTEIRO 1974). Trata-se de uma obra que, apesar de aparentes incongruências devidas a atitudes de empenhamento por parte de Neves Pereira, apresenta insuspeitadas modernidades de reflexão linguística, o que suscitou em mim um crescente interesse pelo seu Autor.

NOTAS

- ¹ Agradeço à Professora Doutora Luísa Soares-Opitz a amizade e a disponibilidade com que me acompanhou na revisão deste trabalho.
- ² Como prova a lista de livros existentes na biblioteca do Convento de Nossa Senhora das Necessidades entregue à Real Mesa Censória.
- ³ São numerosas as referências, inseridas em textos de pareceres da Real Mesa Censória, à existência de «pessoas autorizadas» (sem serem nomeadas) a ler obras que, pelo seu conteúdo, eram negadas à maioria dos leitores.
- ⁴ A Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa mantém um interessante espólio de «Memórias» apresentadas ao longo dos anos que não mereceram, por parte dos responsáveis da oficina impressora então ligada a esta instituição, o reconhecimento de qualidade suficiente para serem publicadas.
- ⁵ A fidelidade aos amigos e aos modelos escolhidos parece ter sido um dos traços marcantes da personalidade de António das Neves Pereira. Por vezes, essa sua característica impedia-o de se distanciar devidamente dos aspectos menos brilhantes das obras desses «modelos», como terá sido o caso nos panegíricos aos poemas de Teodoro de Almeida, e no caso presente.

CONCEITO DE LÍNGUA EM ANTÓNIO DAS NEVES PEREIRA

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- PEREIRA, António das Neves. 1792 - 1793. «Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que servirão os nossos bons escritores do Seculo XV., e XVI.; e deixarão esquecer os que depois a seguirão até ao presente», *Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real de Sciencias de Lisboa*, Tomo IV, pp. 339 - 446 ; Tomo V, p. 152 -252.
- PEREIRA, António das Neves. 1793. « Ensaio sobre a Filologia Portugueza por meio do Exame e Comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes Poetas, que florecêrão no seculo XVI.», *Memorias de Literatura Portuguesa da Academia Real de Sciencias de Lisboa*, Tomo V, p. 1 - 151.

OUTRA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AUROUX, S. 1992 (dir.). *Histoire des idées linguistiques: Le développement de la grammaire occidentale*, Tome 2. Liège, Mardaga
- MONTEIRO, O.P. 1974. *D. Frei Alexandre da Sagrada Família: a sua espiritualidade e a sua poética*. Coimbra, Universidade.
- SILVA, Inocência F. 1858 - 1923. *Diccionario Bibliographico portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional.